

Nota de abertura

No presente número do *Teatro do Mundo* vem o Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto oferecer testemunho, através da publicação das comunicações oferecidas ao seu Segundo Encontro Internacional (Faculdade de Arquitectura 1 e 2 de Junho de 2006), da continuidade dada aos esforços de diálogo estabelecido entre diversos saberes tradicionalmente acolhidos aos territórios demarcados da competência universitária especializada. As áreas de conhecimento referencialmente definidas pela Literatura e pelo Teatro, pela Filosofia, pela Arquitectura e pelo Direito voltam a conjugar-se, agora no palco das *Linguagens Barrocas do Teatro Europeu*; mas se o desafio se revela estimulante e os resultados animadores, não poderá deixar de registar-se, no domínio de uma prática decididamente mais complexa do que o generoso projecto em que ela se inscreve, a afirmação de dificuldades e resistências a uma articulação multidisciplinar que não seja o mero somatório de experiências paralelas ou localizadas.

A estrutura de *Linguagens Barrocas do Teatro Europeu* é flexível e não conhece a ordenação de trabalhos qualquer critério de natureza valorativa. Prioridades só o interesse do leitor e a oportunidade da leitura definirão. Um primeiro momento agrupa os estudos que têm por preocupação nuclear o teatro e o drama francês. Nele pontificam os colegas estrangeiros que o prestígio e os créditos firmados não impediram tão gentil como prestimosa colaboração; com eles trouxeram inovadoras perspectivas acerca de autores canónicos – Molière e Corneille, desde logo – ou o arrojado investimento teórico comprometido na interpelação do sentido e alcance do Barroco na tradição dramática francesa, com a reavaliação de contextos e com o repto lançado a direcções de leitura por largo tempo pacificamente consagradas. Falam depois os dramaturgos estrangeiros em Portugal, incidindo os trabalhos em representações recentes do *Don Juan*, acolhidos no distanciamento do discurso crítico e no depoimento comprometido do actor, a arquitectura inglesa e o drama inglês, a primeira com estudo centrado em Inigo Jones e sua «consciência de autor», o segundo distribuído em arguta proposta acerca de relevantes aspectos da obra de Ben Jonson e em notas acerca de uma cena de valor estrutural no drama de Marlowe e Shakespeare, a memória arquitectónica do nosso teatro, com o exame de dois importantes documentos do século XVIII, a ciência jurídica e o regime dos direitos da propriedade intelectual, em quadro comparatista e visão prospectiva, finalmente a reflexão filosófica, que se bifurca na redescoberta do Barroco na funcionalidade e no recorte ontológico da sua teatralidade e no exame de sugestivo momento da disputada apropriação do legado de J. S. Bach.

Nuno Pinto Ribeiro
Universidade do Porto